

00590  
1967  
FL-PP-00590

FL  
00590

PRIMEIRA VIAGEM DE ESTUDOS À REGIÃO DE TABATINGA

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS POSSIBILIDADES  
DE VITALIZAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PERU E BRASIL-  
COLÔMBIA, TENDO COMO POLO DE DESENVOLVIMENTO A  
COLÔNIA MILITAR DE TABATINGA.

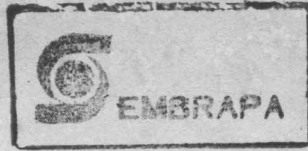


RELATÓRIO APRESENTADO AO EXMO. SR. GENERAL ISAAC  
NAHON, CMT. DO CMA e 8ª R.M.

POR :

RUBENS RODRIGUES LIMA  
Engenheiro Agrônomo  
EURICO PINHEIRO  
Engenheiro Agrônomo  
ÍTALO CLAUDIO FALESI  
Engenheiro Agrônomo  
DENNY EIRAS BAPTISTA  
Major do Exército

0590



PRIMEIRA VIAGEM DE ESTUDOS À REGIÃO DE TABATINGA

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE VITALIZAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL-PERU E BRASIL COLÔMBIA, TENDO COMO POLO DE DESENVOLVIMENTO A COLÔNIA MILITAR DE TABATINGA.

RELATÓRIO APRESENTADO AO EXMO. SR. GENERAL ISAAC NAHON, CMT. DO CMA e 8ª RM.

POR :

RUBENS RODRIGUES LIMA  
Engenheiro Agrônomo  
EURICO PINHEIRO  
Engenheiro Agrônomo  
ÍTALO CLAUDIO FALESI  
Engenheiro Agrônomo  
DENNY EIRAS BAPTISTA  
Major do Exército

## S U M Á R I O

- 1 - INTRODUÇÃO
- 2 - ÁREAS PERCORRIDAS
- 3 - PRINCIPAIS ASPECTOS FISIográfICOS
  - 3.1 - Clima
  - 3.2 - Vegetação
  - 3.3 - Solo
  - 3.4 - Hidrografia
- 4 - ASPECTOS ECONÔMICOS
  - 4.1 - Comércio
  - 4.2 - Transporte
  - 4.3 - Energia
  - 4.4 - Situação Atual e Possibilidade do Setor Agropecuário
- 5 - ASPECTOS SOCIAIS
  - 5.1 - População
  - 5.2 - Condições Sanitárias
  - 5.3 - Educação
- 6 - ASPECTOS POLÍTICOS
- 7 - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE TABATINGA
  - 7.1 - O Povoamento
  - 7.2 - A Vila Militar
  - 7.3 - Possibilidades de Instalação da Colônia
- 8 - CONCLUSÕES PARCIAIS.

## I N T R O D U C Ç Ã O

O Comando Militar da Amazônia e 8ª R.M., sob o Comando do Exmo. Sr. General de Divisão Isaac Nahon, dando prosseguimento ao plano do Exército, que tem por finalidade a implantação de Colônias Militares na faixa de fronteira da região amazônica, organizou uma equipe constituída de técnicos e de oficiais do seu Estado Maior, para realizar estudos objetivando a implantação da Colônia Militar de Tabatinga.

Aceitando a honrosa incumbência, com entusiasmo, a equipe achou por bem seguir a mesma linha de ação posta em execução em Clevelândia, a quando dos estudos ali realizados para o planejamento da Colônia Militar do Oiapoque.

Assim, programou-se para Tabatinga, a seguinte sequência de trabalho :

- 1º) Realização de uma primeira viagem de estudos, no período nos chuvoso e de águas mínimas nos rios,
- 2º) Análise e avaliação dos elementos coletados na primeira viagem.
- 3º) Realização de uma segunda viagem de estudos, na fase máxima da enchente.
- 4º) Análise e avaliação dos dados colhidos na segunda viagem.
- 5º) Elaboração do plano a ser executado pela Colônia Militar.

Por outro lado, como no Oiapoque, os trabalhos estão sendo conduzidos em coerência com a filosofia de colonização estabelecida pelo Decreto nº 45.479, de 20 de fevereiro de 1959, que aprovou o Regulamento das Colônias Militares de Fronteira na Amazônia, em cujo Decreto destaca-se, dentre outros, o seguinte Artigo :

"Art. 2º - As finalidades das Colônias Militares de Fronteira são, principalmente :

- a) Nacionalizar as fronteiras do País, particularmente aquelas não assinaladas por obstáculos naturais;
- b) Criar e fixar núcleos de população nacional nos trechos das fronteiras, situados defronte das zonas ou localidades prósperas do país vizinho, bem como nos daqueles onde haja vias ou facilidades de comunicações que dêem franco acesso ao território nacional;

- c) Promover o desenvolvimento da população nacional nas zonas ou nas localidades de fronteira onde haja exploração de minas, indústria pastoril ou agrícola em mãos de estrangeiros de país limítrofe".

É dentro desta concepção, com a qual a equipe mantém inteira concordância, de que as Colônias Militares devem atuar como polos de desenvolvimento para as regiões onde sejam instaladas, que a equipe se propõe a realizar os estudos e elaborar o plano da Colônia Militar de Tabatinga.

A primeira viagem à Tabatinga realizou-se no mês de dezembro de 1966 e a segunda está programada para a segunda quinzena de abril do ano em curso. A apresentação do plano está prevista para a segunda quinzena de junho.

A equipe da primeira viagem, constituída pelos engenheiros agrônomos Rubens Rodrigues Lima, Eurico Pinheiro e Ítalo Falero, e pelo Major Denny Eiras Baptista, apresenta neste relatório as observações colhidas e as conclusões parciais a que chegou, no decorrer das expedições a diversos trechos da faixa de fronteira na região de Tabatinga.

2. -

#### ÁREAS PERCORRIDAS

Para o reconhecimento da região, a equipe já referida percorreu com prioridade, as seguintes áreas :

- a) Áreas adjacentes a Tabatinga, tanto na terra firme como na várzea.
- b) Ilha Aramassa
- c) Áreas adjacentes a Benjamin Constant
- d) Embocadura do Rio Javari e curso inferior desse rio até Atalaia do Norte.
- e) Áreas marginais do Solimões até a foz do Rio Tacana.
- f) Rio Tacana, desde a foz até o ponto de interseção do rio com a linha geodésica Apaporis-Tabatinga.
- g) Percurso por terra, do ponto de interseção mencionado no item (f), até Tabatinga.
- h) Reconhecimento aéreo de tôdas as áreas mencionadas nos itens anteriores.

O deslocamento de Belém a Manaus foi feito em avião Caravelle e desta capital até Tabatinga em avião DC-3.

As expedições aos rios Javari e Tacana foram realizadas graças ao apóio da Campanha de Erradicação da Malária, que nos cedeu a sua única lancha. As embarcações maiores da 7ª Companhia de Fronteira, que tinham condições de fazer as viagens, estavam a serviço fora da sede e o Comando do GEF, consultado por telegrama, recusou-se a ceder uma das duas lanchas pertencentes a Pelotões de Fronteira, as quais se encontravam em Tabatinga.

Os transportes fluviais para os reconhecimentos nas áreas adjacentes a Tabatinga e Benjamin Constant, bem como na Ilha Aramassa foram cedidos, com muita solicitude, pelo Comandante da Companhia.

Para os sobrevôos fretou-se o hidro-avião monomotor pertencente a um missionário americano, sediado em Benjamin Constant.

A equipe teve a oportunidade de observar diversos aspectos da faixa de fronteira, nos trechos mencionados, tendo sido feitas inúmeras penetrações, durante as quais foram realizadas pesquisas agrônômicas envolvendo estudos pedológicos, coleta de informações climáticas, observações da vegetação e recursos florestais, hidrografia, práticas agrícolas, situação econômica e tudo o mais de interesse para a missão de que estava incumbida.

3. -

### PRINCIPAIS ASPECTOS FISIOGRAFICOS

#### 3.1. - Clima

O clima de Tabatinga, segundo a classificação de Koppen, pertence ao tipo Af. É um clima quente e úmido, caracterizado pela ausência de estação seca definida, sendo que o mês cuja estiagem é mais pronunciada apresenta pelo menos 60 mm de chuva.

Este tipo climático é identificado desde o Estado do Amazonas, estendendo-se ao Estado do Acre até aproximadamente 6° de latitude sul.

A feição fundamental referente ao regime térmico nesta região, é a pequena variação anual da temperatura, naturalmente em decorrência da situação equatorial. É um clima regularmente quente, cuja oscilação das temperaturas dos meses mais quente e mais frio, não é superior a 2°C.

Apresentamos a seguir os dados pluviométricos referentes a Benjamin Constant, transcritos do livro "Grande Região Norte", publicado pelo IBGE.

M Ê S	QUEDA PLUVIOMÉTRICA mm
Janeiro	346,8
Fevereiro	232,4
Margo	353,5
Abril	293,7
Maió	209,4
Junho	156,1
Julho	102,0
Agosto	125,0
Setembro	182,4
Outubro	226,1
Novembro	229,8
Dezembro	285,5
<b>T O T A L</b>	<b>2.742,7</b>

### 3.2. - Vegetação

A vegetação na área percorrida pela equipe pode ser caracterizada, a grosso modo, pela ocorrência de dois tipos distintos : a floresta de "terra firme" e a vegetação dos terrenos inundáveis.

A floresta de "terra firme", como em toda a Amazônia, distingue-se pelo grande porte das árvores, elevado número de espécies, sem haver predominância de nenhuma delas no referente ao número de indivíduos, presença de raízes sapopemas, abundância de plantas epífitas e paisagem uniforme.

Citamos a seguir os nomes vulgares de algumas espécies observadas na região, durante os trabalhos de campo : piquiá, cedrorana, matá-matá, abiurana, marí, castanheira, castanha de paca, jacareúba, carapanaúba, castanha de macaco, breu, enviroeira, magaranduba, bacurí-parí, cajuí e acariquara.

Dentre as madeiras de maior importância econômica existentes nas matas de "terra firme" destacam-se o cedro e o mogno.

Segundo informações colhidas em Ataléia do Norte, foram extraídas das matas daquele município, em 1966, 25.500 metros cúbicos de madeira, sendo 16.000 m<sup>3</sup> representados por toros de cedro.

Na vegetação das áreas inundáveis há a destaque quatro associações botânicas principais : a vegetação das restingas consolidadas, a vegetação das várzeas baixas, a que recobre os aluviões muito recentes e de níveis mais baixos do que os dos dois primeiros e vegetação dos igapós.

A vegetação na restinga assemelha-se, quanto ao aspecto, à mata da "terra firme", mas apresenta uma composição botânica completamente diversas, na qual merece destaque especial, pelo seu valor econômico, a seringueira (*Hevea brasiliensis*).

Nas várzeas baixas a seringueira também está presente nas espécies que mais despertaram a nossa atenção foram o apuizeiro, com o seu complicado sistema de sustentação formado de raízes escoras e duas espécies de palmeiras do gênero *Bactris*.

As áreas de aluviões recentes e de nível muito baixo são recobertas por diversas gramíneas aquáticas, destacando-se dentre elas a canarana (*Echinochloa polystachya*). Esta vegetação exerce papel de destaque na retenção dos sedimentos transportados pela água dos rios e contribui, portanto, para acelerar os fenômenos de colmatagem. Quando a sedimentação, acelerada pela presença das gramíneas, atinge um nível um pouco mais alto, as gramíneas são invadidas e posteriormente dominadas por compactos imbuubais (*Cecropia*), os quais, em povoamentos quase puros, formam o segundo tipo principal de vegetação dos aluviões mais recentes.

Quanto à vegetação dos igapós ela é caracterizada, principalmente, pela presença de extensos buritizais.

Vale salientar que no sobrevôo das áreas adjacentes à Tabatinga, constatou-se a presença de extensa faixa coberta por este tipo de vegetação, correndo ao longo do Paraná da ilha Aranassa, a cerca de 200 metros de distância da margem e se prolongando até próximo à foz do rio Tacana.

### 3.3. - Solo

A "terra firme" apresenta terrenos planos, ligeiramente ondulados ou ondulados. As áreas planas são de origem sedimentar terciária e latossólicas, localizam-se em grande parte em Tabatinga, constituindo extensos tabuleiros.

As áreas inundáveis, de origem sedimentar recente do período holoceno, apresentam a mesma paisagem típica dos terrenos de várzea da Amazônia, ou seja, com faixas mais elevadas e melhor drenadas, planas, localizadas às margens do rio, constituindo a restinga ou várzea alta, seguida para o interior, de terrenos com cotas menores, formando as várzeas baixas e os igapós, que também são planos e sujeitos a inundações mais prolongadas.



Os terrenos de "terra firme", ligeiramente ondulados ou ondulados, estes formados por sucessivas e pequenas elevações, localizam-se, principalmente, em Atalaia do Norte e em Benjamin Constant (Foto nº 1).

Nos levantamentos exploratórios realizados constatou-se a ocorrência de pelo menos as seguintes unidades de solos : Latosol Vermelho Amarelo, textura pesada; Podzólico Vermelho Amarelo, fase rasa substrato argila cinza caulinitica; Solo de B textural, com argila de atividade baixa, textura pesada; Aluvião Fluvial com saturação de bases alta (Solinões); Aluvião Fluvial com saturação de bases baixa (Javari) e Solo Bog.

Os solos latossólicos e podzólicos constituem os terrenos de "terra firme". São quimicamente fracos, devido aos baixos teores em nutrientes que apresentam.

Os aluviões recentes abrangem os terrenos de várzea, sendo que os formados pela sedimentação do Rio Solinões apresentam características químicas excelentes, graças à riqueza dos sedimentos contidos em suspensão nas águas daquele rio. Já os aluviões formados pelo Rio Javari são quimicamente fracos e as suas características morfológicas indicam serem mais evoluídos do que os aluviões do Rio Solinões.

O solo Bog ocorre nas áreas pantanosas, conhecidas pelo nome de igapó. Apresentam péssimas condições físicas e elevada acidez.

A seguir descrevemos, sucintamente, as características morfológicas, físicas e químicas das unidades de solo acima referidas.

Latosol Vermelho Amarelo, textura pesada.

São solos profundos, argilosos, bem drenados, porosos, friáveis, muito ácidos, de coloração amarela avermelhada, com estrutura fraca, pequena e média, em forma de blocos subangulares que se rompem, facilmente, em grãos simples. Apresentam relativa facilidade de penetração de raízes, devido não só à boa porosidade que possuem com também à estrutura e profundidade do perfil.

Quimicamente são solos que apresentam baixo conteúdo em nutrientes, qualidade essa decorrente da sua própria gênese, pois derivam da evolução dos sedimentos cauliniticos do Plioceno (?). Os teores de bases trocáveis, fósforo e nitrogenio são baixos.

Ocorrem este solos, principalmente, na região de Tabatinga, ocupando, ao que parece, extensas áreas.

Podzólico Vermelho Amarelo, fase rasa, substrato argila cinza  
caulinítica

Esta unidade taxonômica é constituída de solos de pouca profundidade, de coloração amarela avermelhada, de textura pesada, muito ácidos, de consistência firme, plásticos e ligeiramente pegajosos. O número de poros é menor que nos solos latossólicos e a penetração de raízes se faz melhor nos horizontes superiores do perfil.

Estes solos estão assentes sobre sedimentos argilosos, de coloração cinza e de procedência terciária.

Os teores em elementos químicos são baixos, do que resulta uma saturação de bases também baixa. Apresentam fraca potencialidade natural, resultante da sua própria origem (materiais argilosos cauliníticos).

Ocorrem estes solos, predominantemente, em Benjamin Constant e Atalaia do Norte (Foto nº 2).

Solo de B textural, argila de atividade baixa, textura pesada.

Estes solos são mediantemente profundos, muito ácidos, de textura pesada, podzolizados e com presença de um horizonte A2 não proeminente. A coloração do horizonte A é bruna acinzentada e do B é amarela avermelhada. A consistência é firme, plástica e pegajosa e os poros localizados em maior número no horizonte A. As raízes penetram com maior facilidade no horizonte superficial, devido ao menor conteúdo de argila e o maior teor de matéria orgânica.

Apresentam um subsolo de argila compacta, o que impede ou dificulta a drenagem interna da água no perfil, ocasionando uma oscilação na época chuvosa, com formação de mosqueados amarelo avermelhados, principalmente no horizonte B.

São solos de pouca fertilidade, evidenciada pela baixa capacidade de saturação de bases, bem como baixa atividade da argila de constituição.

Foram observados ao longo da estrada que liga a 7ª Cia de Fronteira ao povoado do Marco, em relevo plano ou ligeiramente ondulado.

Aluvião Fluvial, com saturação de bases alta (Várzea do Solinões)

O aluvião Fluvial é um solo formado por sedimentos não consolidados, de deposição recente, dispostos em camadas estratificadas.

Em geral apresenta-se profundo, com textura predominantemente argila limosa, de coloração variando de bruna amarelada escuro a bruna, sendo a estrutura fraca, pequena, em forma de blocos subangulares ou angulares. Os poros e canais nas primeiras camadas do solo são comuns, decrescendo o seu número com a profundidade do perfil. As raízes distribuem-se, especialmente, nas três primeiras camadas, sendo que na primeira há maior concentração.

Quimicamente apresenta características muito boas, comprovadas pelas análises de laboratório, das amostras coletadas não só em perfis completos deste solo mas também em amostras para exame de fertilidade. Esses resultados demonstram que as bases trocáveis, principalmente cálcio e magnésio, são altas. O pH varia de 6,2 a 6,6 portanto próximo do neutro e a saturação de bases dada pelo valor (V) é muito alta, indicando assim, potencialidade elevada.

Ocorre às margens do rio Solimões, constituindo as pestanas altas com drenagem moderada (restingas), apenas inundadas pelas águas do rio em épocas de grandes enchentes (Foto nº 3).

Aluvião Fluvial, com saturação de bases baixa (Várzea do Javari)

O Aluvião Fluvial do Rio Javari difere bastante daquele que é formado pelo Solimões, não só pelas características morfológicas como químicas.

Apresenta um perfil normalmente profundo, de coloração cinza bruna clara a cinza clara, esta última encontrada nas camadas fortemente gleizadas e mais profundas do perfil. A textura é predominantemente argila siltosa, sendo a estrutura macia compacta rompendo-se facilmente. Quando úmidas as camadas do perfil apresentam mosquados vermelhos amarelados, ocasionados não só pela oscilação da água do rio, mas também, pela descida lenta da água pluvial através do perfil, provocando a oxidação do ferro. São portanto solos de drenagem imperfeita. Quimicamente são de média fertilidade. O cálcio e o magnésio aparecem com teores médios e a saturação de bases apresenta-se com resultados médios a baixos.

Ocorrem às margens do Rio Javari, em relêvo plano, sendo formados pela deposição recente dos sedimentos trazidos nas águas do rio (Foto nº 4).

Solo Bog.

Na região de Tabatinga existe uma grande extensão de terra inundável durante grande parte do ano e recoberta por uma vegetação com nitida domi

nância do burití (*Mauritia flexuosa*).

É conhecida regionalmente como igapó de buritizal.

O solo é de natureza hidromórfica, muito mal drenado, de coloração bruna a bruna escura no horizonte superficial e cinza a cinza claro nas camadas gleizadas e mais profundas do perfil.

A acidez é pronunciada, apresentando-se normalmente com índices de pH abaixo de 4,5. O horizonte A é orgânico, devido ao acúmulo de material vegetal à superfície. Abaixo deste horizonte seguem-se outros de textura argila-limosa de cor cinza, devido à forte gleização ocasionada pela redução do ferro.

São solos que ficam completamente inundados durante quase todo o ano, não só pelas águas das chuvas mas também pelas inundações dos numerosos cursos de água existentes. Suas possibilidades agrícolas são praticamente nulas.

#### 3.4 - Hidrografia

Os fatores hidrográficos de maior interesse para o estudo que está sendo apresentado neste relatório são os seguintes :

- a) Regime de enchente dos rios e riqueza em sedimentos da água.
- b) Reservas de água no interior e na superfície do solo.
- c) Potencial hidráulico.

No decorrer da primeira viagem foram registradas anotações sobre esses fatores. Considerando, entretanto, que todos eles estão sujeitos a grandes variações, decorrentes do regime das chuvas, a equipe achou por bem deixar para apresentá-los depois das observações a serem feitas na segunda viagem de estudos.

#### 4. -

#### ASPECTOS ECONÔMICOS

As principais atividades econômicas naquela faixa de fronteira, são a produção extrativa florestal e animal, a exploração da pesca fluvial e lacustre e a lavoura ribeirinha de subsistência.

A economia extrativa tem como produtos de maior importância a borracha, a madeira e as peles de animais silvestres, cuja produção procede, em sua quasi totalidade, dos seringais do Rio Javari.

A pesca é executada por processos de extremo empirismo. Usam-se com frequência, apetrechos primitivos, como se pode vêr na fotografia nº 5, a qual só difere de outra que se tivesse tirado antes da descoberta da América, porque os personagens estão parcialmente vestidos.

A lavoura ribeirinha de subsistência, como se faz notar no ítem 4.4, mesmo realizada por processos rudimentares, apresenta elevados níveis de rendimento, garantidos pela fertilidade da várzea, sempre renovada com a enchente do Solimões.

A maior parte das transações comerciais dos produtos provenientes dessas atividades, é realizada irregularmente, com Letícia ou com as casas comerciais peruanas situadas às margens do Javari e do Solimões. Com exceção da borracha, que está sujeita a menor desvío, graças às vinculações existentes entre os extratores e o BASA, poucos são os produtos cuja transação se efetua com a capital do Amazonas.

De uma forma ou de outra, o resultado final dêsse estado de coisas é a estagnação dos núcleos ali existentes, à custa dos quais estão sendo capitalizados e acumulados os recursos, em maior escala, na faixa de fronteira dos países vizinhos.

É voz corrente na região que "os brasileiros estão enriquecendo Letícia".

#### 4.1. - Comércio

O grande centro comercial é Letícia, pôrto livre, ameaçado por Iquitos, e sofrendo concorrência das casas comerciais peruanas instaladas, principalmente, sobre balsas, na Ilha Islandia, onde há sempre grandes estoques de combustível (Foto nº 6).

O comércio de Benjamin Constant, com duas farmácias, vinte e seis casas comerciais, com varejo e atacado, onde geralmente se vende de tudo, não possui condições de enfrentar a concorrência dos nossos vizinhos, protegidos que estão por leis especiais, como a Lei nº 15.600, de Isenção de Imposto da Selva Peruana, de 4 de setembro de 1965, regulamentado pelo Decreto Supremo nº 401-II, de 4 de outubro de mesmo ano.

Tabatinga, área militar, recebe apoio logístico em gêneros de subsistência do ERS/8 de Belém, para os militares e através do CESO atende seus familiares e civís da área. Esse apoio é insuficiente, necessitando ser elevado, sem o que todos continuarão a abastecer-se em Letícia para onde são carregadas substanciais verbas, na ordem de R\$ 20.000,00 mensais, para aquisição de gêneros diversos, muitos dos quais de procedência brasileira.

Vale salientar que, além dessas circunstâncias desfavoráveis às nossas relações de comércio com os colombianos em Letícia, somos ainda flagrantemente prejudicados pela desvalorização imposta por eles à nossa moeda, cambiando-a a valores sensivelmente mais baixos do que os oficiais.

Como se não bastassem as condições de desigualdade em que opera o comércio brasileiro, das quais resulta a enorme atração que o comércio vizinho exerce sobre nós, há aqui ainda uma exploração desenfreada dos nossos comerciantes, na venda dos utensílios ou bens de consumo, e na compra dos produtos extrativos ou agrícolas que lhes são oferecidos.

A escassa população ali existente continua sendo sugada nessas relações de comércio. Os produtos são pagos aos extratores por preços ínfimos e as utilidades lhes são vendidas por valores escorchantes.

Nos rios Javari e Tacana foram registrados preços de compra de alguns produtos, pelos seringueiros, equivalentes a quatro vezes o valor dos mesmos, em Tabatinga e de todos os seringais se descontava 20% de "tara", no peso da borracha recebida.

Os fornecedores alegam, em sua defesa, o custo elevado de recebimento das mercadorias, oneradas pelos impostos e pelo frete, mas a verdade é que a região está povoada por uma gente de vida miserável, perdida nos seringais, nas margens dos rios ou mesmo nos pequenos aglomerados humanos.

Damos a seguir os preços pelos quais os seringueiros do Rio Tacana adquiriram em dezembro de 1966 as principais utilidades de que necessitavam (média das informações prestadas pelos seringueiros Manoel Lobato, Manoel Soares da Silva e Agenor Tenazor).

Querosene . . . . .	litro	R\$	0,50
Sal grosso . . . . .	quilo	"	0,50
Sabão brasileiro . . . . .	barra	"	1,50
Sabão peruano . . . . .	"	"	0,80
Café em grão . . . . .	quilo	"	1,50
Açúcar peruano . . . . .	"	"	1,00
Rêde pequena . . . . .	unidade	"	18,00
Farinha (alqueire) . . . . .		"	12,00
Camuquim (1 comprimido) . . . . .		"	0,20

4.2. - Transportes

a. - Fluvial

A localização de Tabatinga à margem esquerda da via fluvial Amazonas-Solinões, embora distante da foz, aproximadamente, 1820 milhas, usufrui vantagens de uma navegação de calado oceânico que atinge 289 milhas a montante, Iquitos, no Peru.

Navios oceânicos - Os navios Valiente, de 511 t., Vamos, Venimos, Veloz e Viajero, de 552 t., Denis e Veras de 1.500 t. e o rebocador Stenwindes, com registro brasileiro da The Booth Steamship Company Limited, com sede em Liverpool e agentes no Brasil, (Avenida Presidente Vargas, 119-Belém), são dessa categoria. Sua linha de navegação para Iquitos, às vezes, com carga para Letícia, é da ordem de três navios cada dois meses, estando sujeita a uma parada em Benjamin Constant para despachos fiscais e em Tabatinga, Ramon Castillo - (Peru) e Letícia (Colômbia) para o visto de fronteira.

Embarcações fluviais - Os serviços de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará (SNAPP) servem Tabatinga com a linha de Postos de Fronteira, realizada pela embarcação Plácido de Castro, de 60 t., com saídas de Manaus, e a linha do Rio Solinões, percorrida pela embarcação Lauro Sodré, de 552 t., atinge Iquitos, com saídas de Belém, fazendo 9 viagens anuais para cada linha.

Pertencentes ao Peru existem a Cia. Oriente, a Cia. Adolfo Morey Hijos e a La Reina del Amazonas, todas elas com embarcações de grande calado.

Embarcações a motor - Raramente ultrapassam 6 t., e se destinam quase ao uso pessoal. A própria 7ª Cia. Fron, bem como algumas repartições públicas como a CEM, possuem dessas embarcações de emprêgo regional. São utilizadas a frete, para o transporte coletivo ou de pequenas quantidades de carga.

b. - Aéreo

A região de tri-junção de fronteiras conta com duas pistas para pouso, uma de terra, em Tabatinga (Brasil) e outra asfaltada, em Letícia (Colômbia).

A Cruzeiro do Sul, Cia. Brasileira, realiza duas viagens, partindo de Manaus e retornando no dia seguinte. Às segundas feiras, sai um DC-3 para Tabatinga e às sexta-feiras um Catalina para Benjamin Constant. A última deverá ser suprimida por falta de avião Catalina.

A FMB com as suas linhas que integram o CAN-AM, realiza viagens em C-47 e Catalina, porém com irregularidade.

O Peru mantém, com sua Força Peruana, dois aviões Catalina, semanais, com ponto de Partida em Iquitos, passando por Islândia e Anganos. Retorna no mesmo dia e no terceiro sábado do mês faz escala em Ramon Castillo.

São três as linhas aéreas colombianas, que de Bogotá demandam Letícia, com mais de quatro viagens semanais; Avianca, operando C-54, Santena, com DC-3 e a Força Aérea Colombiana (FAC), irregular.

Dos Estados Unidos chegam a Letícia, aviões cargueiros para o transporte de animais selvagens, peixes ornamentais e peles.

Existem ainda aviões particulares de uso pessoal, ou de organizações religiosas, principalmente, protestantes de origem americana (Foto nº 7).

#### 4.3 - Energia

Em Tabatinga há um conjunto gerador de dois motores MWM de 40 HP cada e um Mercedes Benz de 65 HP, fornecendo luz, normalmente à noite, das 18,00 às 22,00 horas.

No povoado do Marco, apenas 10% da população são beneficiados por um motor de 30 HP.

Benjamin Constant atualmente está sem energia elétrica. O Hospital do SESP, Agência do BASA, as organizações religiosas e algumas residências particulares possuem pequenos motores. A CELETRAMAZON pretende instalar para funcionamento no fim de 1967, três motores de 125 kw cada.

Letícia possui sistema gerador que fornece energia elétrica, durante as 24 horas do dia.

#### 4.4 - Situação Atual e Possibilidades do Setor Agropecuário

##### 4.4.1. - Situação Atual

Na região de Tabatinga e áreas circunvizinhas, tanto a agricultura como a pecuária, são desenvolvidas nos moldes peculiares à grande região amazônica.

A empírica lavoura de subsistência é a atividade agrícola predominante; feita mais como tentativa de autosuficiência, é uma lavoura predatória, itinerante, incapaz portanto de assegurar a fixação do colono à terra.

Entre as culturas de subsistência destaca-se a mandioca como a mais importante, chegando mesmo a produzir um ligeiro excedente que permite uma pequena comercialização do produto beneficiado, ou seja, a farinha. As outras culturas, principalmente quando estabelecidas em "terra firme", apresentam baixíssimo rendimento.



A incipiente ou quase inexistente pecuária acompanha a agricultura em seu primitivismo.

O criatório extensivo é representado por um pequeno número de bovinos como provável consequência da ausência de pastagens naturais. Esse criatório restringe-se às várzeas onde os animais, em certos períodos do ano, quando o rio não está sob o efeito do regime de enchente, encontram verdejante pastagem natural que lhes garante o sustento. As pastagens, via de regra, são de extensão menor que as ocorrentes nas várzeas do baixo Amazonas.

A criação de pequenos animais é atividade caseira e desenvolvida por um reduzido número de moradores da região.

A deficiência da exploração pecuária é responsável pelo precário abastecimento de carne da população regional. Para que se tenha uma idéia dessa deficiência basta salientar que o município de Benjamin Constant, pelo recenseamento de 1960, possuía 11.209 habitantes e Atalaia do Norte, 5.100, enquanto que a população bovina atual não chega a 500 cabeças no primeiro e apenas 42 no segundo.

No exame da situação atual do setor agropecuário naquela fronteira há a destacar dois quadros distintos :

- a) - A Agricultura na Terra Firme
- b) - As Atividades Agrícolas na Várzea

a) - A Agricultura na Terra Firme

A agricultura na "terra firme", feita nos moldes já mencionados, caracteriza-se pela instalação de pequenos roçados onde o baixo rendimento é consequência natural da reduzida fertilidade do solo, conforme bem atestam as análises deles efetuadas.

Os roçados de "terra firme", localizados quase que exclusivamente nas circunvizinhanças de núcleos populacionais, acham-se distribuídos ao longo de estradas como por exemplo a que liga Tabatinga ao Marco, a que partindo de Benjamin Constant demanda a Colônia, parte da estrada que ligará Atalaia do Norte a Benjamin Constant e ao longo de outras pequenas estradas de menor importância.

O preparo da área é feito no processo usual da região, ou seja, derrubada da mata ou capoeira e subsequente queimada. O roceiro em seguida planta principalmente o arroz e a macacheira (Foto nº 8).

São poucas as variedades de mandioca cultivadas. O agricultor prefere a macacheira (mandioca mansa ou aipim), que além de permitir o preparo da farinha, é, depois de cozinhada, largamente consumida à mesa.

Nos roçados raramente plantam alguns pés de cana de açúcar e quando o fazem é com a finalidade de produzir garapa, de vez que não tivemos notícia da existência, na região, de nenhuma engenhoca, sequer para a produção do açúcar mascavo.

b) - As Atividades Agrícolas na Várzea

As várzeas altas inundáveis do rio Solimões e do Javari são, na região, as áreas eletivas para a prática da agricultura de subsistência. Fácil será compreender essa preferência se levarmos em conta os níveis de fertilidade apresentados por essas terras de aluvião recente. É notório, em toda a área, a decantada exuberância dos solos da ilha Aramassa.

Infelizmente, o regime de inundação a que estão sujeitas essas várzeas e que é responsável pela fertilidade das mesmas, limita a sua utilização a um curto período do ano. Daí, por exemplo, a necessidade que têm os agricultores de procurarem variedades mais precoces de macacheira para plantio nessa área de inundação cíclica. A título de informação, enumeramos a seguir as seis variedades de macacheira mais preferidas na região, das quais dada as interessantes características agrônômicas, coletamos material de propagação (estacas), que trouxemos para o IPEAN, onde foram multiplicadas para melhores e complementares estudos.

- 1 - Manoel Delmiro
- 2 - Juruti
- 3 - Pipoquinha
- 4 - Ucaialina
- 5 - Poré
- 6 - Varuda.

Dessas seis variedades, as cinco primeiras foram coletadas nas várzeas do Javari e a sexta na ilha Aramassa, no Solimões.

Segundo informações locais a macacheira Poré é a mais precoce, pois plantada em meio pode ser colhida em agosto. A variedade Ucaialina, considerada na região como a melhor macacheira quanto ao sabor, possui, segundo nos informaram, uma característica muito interessante: a duração. Via de regra a macacheira, após o oitavo mês, vai ficando "fibrosa", o que diminui o seu consumo para mesa. A variedade Ucaialina com mais de um ano plantada, ainda cozinha bem.

Nos roçados de várzea, preparados da mesma forma que os de "terra firme", os agricultores plantam milho, arroz, mandioca ou macacheira (Foto nº 9).

Nessas várzeas, como anteriormente frizamos, está também instalada a incipiente pecuária da região, a exemplo do que vimos na ilha Aramassa.

A ilha Aramassa merece menção especial não só pela comprovada fertilidade de seus solos como também pela sua posição geográfica.

Dos inúmeros reconhecimentos feitos na ilha, percorrendo diversos roçados, observando e relacionando o desenvolvimento das culturas neles estabelecidas, chegamos à conclusão que se tratava de solo extraordinariamente fértil.

No localidade Cristo Rei, por exemplo, em um milharal plantado com variedades locais (Foto nº 10), constatamos o magnífico estado vegetativo das plantas, com espigas bem formadas e bem desenvolvidas. Ainda nessa localidade, retiramos uma amostragem numa plantação de macacheira da variedade Varuda, coletando ao acaso, 10 pés, cuja produção de raiz foi posteriormente pesada. Relacionando essa produção para hectare encontramos um correspondente superior a 36 toneladas, não obstante estar a macacheira apenas com 4 meses de idade. Para melhor compreensão do valor deste dado, basta ressaltar que, na Zona Bragantina no Estado do Pará, em terreno de mata ou capoeirão, considera-se muito boa a produção de 20 t/ha, para um mandiocal com idade não inferior a um ano.

Os fotos de nos. 11 e 12 documentam, respectivamente, o desenvolvimento vegetativo das variedades Ucaialina e Varuda.

#### 4.4.2. - Possibilidades Agrícolas

As possibilidades agrícolas da região, tratando-se de Terra Firme e Várzea, configuram-se de maneira inteiramente diferente.

##### a) - Possibilidade Agrícola na Terra Firme

Característica geral à quase totalidade dos solos de "terra firme" amazônicos é a pobreza em nutrientes. Tabatinga e áreas circunvizinhas, enquadram-se perfeitamente neste esquema. O resultado analítico das várias amostras coletadas nas "terras firmes", em prospecções feitas no decurso da viagem bem atestam a reduzida fertilidade desses solos. Entretanto, não obstante essa limitação, eles apresentam satisfatórias características físicas e excelente relevo, o que lhes confere perfeita vocação, para o desenvolvimento de uma arboricultura florestal ou um criatório intensivo, atividades capazes de dar condições de fixação do homem à terra.

No programa de arboricultura florestal, a heveicultura deverá ocupar lugar de destaque. As condições ecológicas estão inteiramente identificadas com a seringueira e a prova disso é a ocorrência natural de seringueiras silvestres, na área.

A formação de seringais tecnicamente plantados, terá inclusive alcance de cunho social, pois permitirá a absorção da mão de obra afeita à extração da borracha e que presentemente ocupa os seringais nativos da região.

O seringueiro, hoje nômade na prática do extrativismo passará a uma atividade sedentária com a exploração do seringal racional.

Alia-se ainda a essas vantagens o rendimento econômico de um seringal de plantação.

O Dendê (*Elaeis guineensis*) é outra cultura com prováveis possibilidades para a mencionada região. As condições climáticas são inteiramente adequadas ao desenvolvimento dessa palmeira oleaginosa. Quanto às condições edáficas, conforme ficou evidenciado no ítem que trata do solo, ocorrem na região duas unidades bem distintas de solo de "terra firme". A característica física comum a essas duas unidades é o alto teor de argila, no entanto, em uma delas, latosol vermelho, provavelmente a predominante, o solo apresenta-se com boa consistência, profundo e com muito boa drenagem. O solo da outra unidade não apresenta tão boas características físicas.

Sabemos perfeitamente que o alto teor de argila é muitas vezes, fator limitante para o estabelecimento de dendezeais, no entanto, acreditamos que nos solos da primeira unidade, pelas suas características estruturais e perfeita drenagem, seja inteiramente possível o cultivo do dendê.

Nosso ponto de vista baseia-se no fato de termos encontrado na região (povoado do Marco, estrada que liga Tabatinga ao Marco, estrada que liga Benjamin Constant à Colônia) vários dendezeiros com excelente aspecto vegetativo e o que é mais importante, frutificando bem.

Outro aspecto digno de realce é o fato que presentemente, graças ao desenvolvimento tecnológico das modernas olearias para beneficiar o fruto do dendê, houve uma acentuada redução da área mínima de plantação necessária a alimentar uma usina.

Hoje existe maquinaria capaz de, economicamente, beneficiar o dendê produzido em somente 70 ha de plantação, ao passo que, até pouco tempo, a unidade mínima de área era 700 ha.

Fato interessante por nós observado, foi o hábito que tem o morador da região de consumir o fruto do dendê, cozinhado juntamente com o feijão.

Não obstante essa série de considerações, queremos ressaltar que as reais possibilidades da elaeicultura para a região de Tabatinga somente poderão ser definidas através de prospecções mais detalhadas feitas especificamente com esse objetivo.

Além da seringueira e o dendê, dependendo de um mais profundo diagnóstico econômico, outras culturas de ciclo longo poderão vir a ser preconizadas para a área.

Lavouras de subsistência somente deverão ser estabelecidas em condições especiais como por exemplo, em terrenos de mata ou capoeirão e em consorciação com culturas permanentes, quando essa consorciação for tecnicamente viável.

#### b) - Possibilidades Agrícolas na Várzea

Os índices de fertilidade dos solos das várzeas altas dos rios de água branca da região, principalmente as várzeas (restingas) do Solinões, a deposição anual de sedimentos promovendo uma refertilização das mesmas, qualificam estas várzeas para a prática da agricultura de subsistência.

As vantajosas características apresentadas por esses solos rudimentares já vêm sendo aproveitadas pelos habitantes da região, para a prática de suas rudimentares lavouras.

A utilização de melhor material de plantação (sementes selecionadas de milho, arroz, feijão cow-pea, etc.), a adoção de técnicas agrônômicas simples, bem como um rudimentar trabalho de drenagem, seriam fatores capazes de aumentar grandemente o rendimento da lavoura dessas várzeas.

Frizamos, no entanto, que existem diferenças entre os diversos solos de várzea da região, conforme comprovaram as análises das amostras coletadas nas inúmeras prospecções feitas pela equipe, na área de várzea. As várzeas do Rio Solinões, principalmente as da Ilha Aramassa, possuem, de maneira geral, bons teores em nutrientes e o que é muito importante, reduzida acidez. Nos solos de várzea do Rio Javari, esses teores em nutrientes e mesmo as propriedades físicas não se equivalen às do Rio Solinões.

As várzeas do Rio Tacana, por se tratar de um rio de água preta, são muito pobres, ácidas e por isso destituídas de valor agrícola.

O regime de enchente a que estão sujeitas essas várzeas, diminuem as possibilidades da utilização de bovinos para o desenvolvimento de uma pecuária. Somente em condições especiais onde seja possível formar pastagens de terra firme imediatamente em continuação à várzea, o criatório de bovinos é atividade segura.

No entanto, para uma pecuária à base de bubalinos essa limitação não existiria de vez que esses animais, pelos seus próprios hábitos adaptar-se-iam com mais facilidade ao regime de enchente do rio.

5. -

ASPECTOS SOCIAIS

5.1. - População

O caboclo, o índio e o nordestino constituem os três elementos mais expressivos da população. O nordestino é o grande personagem anônimo da região, aparecendo ora como seringueiro, ora como seringueiro, extrator de madeira ou agricultor.

Os índios do Solimões são da tribo Ticuna e mantêm contacto permanente com os civilizados, havendo intensa miscigenação. Vivem na margem esquerda do Solimões, próximo a Tabatinga. No aldeamento existem 79 casas, sendo 68 ocupadas por eles mesmos, 2 pelo SPI e 9 por civilizados.

Há ao todo 514 índios aldeados, sendo 293 adultos e 221 menores de 12 anos. Além desses existem outros Ticunas esparsos nas margens do rio Solimões nos paranás e principalmente no rio Tacana, onde 50% dos habitantes são índios dessa tribo.

No alto Javari e nos seus afluentes existem índios de outras tribos. São arredios e hostis e vivem embrenhados na mata. A agressão desses índios aos seringueiros localizados naquelas paragens vem acarretando um completo esvaziamento dos seringais. Colhemos informações segundo as quais esses índios são liderados ou insuflados por bandoleiros peruanos.

Para dar assistência aos índios do Solimões, o SPI mantém no aldeamento um funcionário e uma professora. Ambos, à mingua de recursos, pouco podem produzir, permanecendo os índios como que entregues à própria sorte.

Os ticunas nos pareceram um elemento importante no povoamento daquela longínqua fronteira, tanto no sentido econômico como demográfico. São de boa índole e se dedicam à pesca e à lavoura de subsistência na várzea. No Rio Tacana encontramos esses índios produzindo borracha em condições de igualdade com os civilizados.

Os índios de um modo geral desconhecem o sentimento pátrio e são inclinados a estreitar relações com aqueles que lhes prestam auxílio, proporcionando-lhes medicamentos, ferramentas e o mais de que precisam, por preços acessíveis e atendendo às condições de pagamento que eles podem oferecer.

Por isso mesmo estamos convencidos de que os Ticunas e seus descendentes, em uma região despovoada como aquela, constituem um contingente humano apreciável, que não deve ser abandonado por mais tempo.

O quadro pre-Colombiano de pescaria a arco e flecha e zagaia, esboçado no item 4.1, é bem uma prova de que esses índios não têm recebido o mínimo de assistência necessária para que possam evoluir.

## 5.2 - Condições Sanitárias

Em que pese a falta de autoridade da equipe neste campo, por não estar integrada por um médico, não podemos deixar de externar algumas considerações sobre os aspectos sanitários que nos despertaram mais a atenção.

De um modo geral, não fôsse o elevado índice de incidência da lepra, a situação sanitária na região pouco diferiria do quadro normal que se verifica na Amazônia.

As doenças mais comuns são a malária, a disenteria amebiana, as verminoses e a lepra.

A malária apresenta alta incidência ao longo do curso de alguns afluentes do Solimões, destacando-se dentre êles, sob êste particular, o Rio Taçana. Em Tabatinga os casos de malária são raros.

O aspecto sanitário mais contundente é o elevado índice de leprosos.

Nas visitas feitas às ilhas do arquipélago da foz do Javari, nos deparamos com famílias inteiras, de leprosos. Nos contactos mantidos com as autoridades de Benjamin Constant e no hospital do SESP existente naquela cidade, fomos informados de que a incidência dessa doença naquela área é muito elevada, principalmente na ilha Aramassa.

Considerando-se a necessidade de se manter na faixa da fronteira uma população bem nutrida, sadia, instruída e progressista para viver feliz e ser útil em qualquer emergência, não podemos compreender como se possa permitir a concentração de leprosos naquelas ilhas, vivendo no mais completo desamparo e sem que sejam tomadas providências para evitar a propagação da doença.

Por sinal, a primeira casa visitada pela equipe, ao acaso, na ilha Aramassa, era de uma família de hansenianos. A dona da casa, leprosa, estava com um filhinho ao colo, tinha outro no ventre e uma graciosa menina de 5 anos já apresentava as mãos deformadas pela insidiosa doença.

Tem-se conhecimento de que em Tabatinga já apareceram três casos de lepra, na tropa: um sargento, clinicamente curado e reformado e dois soldados. Êstes últimos continuam doentes, licenciados e aguardando reforma.

Registra-se, também, a informação de que, recentemente, foram constatados dois casos de lepra entre os alunos do grupo escolar de Tabatinga.



5.3. - Educação

O aspecto educacional é dos mais precários.

O analfabetismo é quase total entre os que desenvolvem as suas atividades disseminados nos seringais ou nas margens dos rios.

Nos três principais centros populacionais da região—Benjamin Constant, Tabatinga e Atalaia do Norte (Fotos nos. 13,14 e 15), ou nos pequenos aglomerados dispersos na área, o número de escolas é sempre insuficiente.

A constatação mais evidente dessa deficiência foi feita no aldeamento dos índios Ticunas, onde, para uma população de 221 menores de 12 anos, o SPI mantém uma única sala, com a área de 27 metros quadrados, que não podia comportar nem a terça parte dos carumins matriculados.

6. -

ASPECTOS POLÍTICOS

As relações políticas entre a população brasileira e a da Colômbia e Peru, naquela faixa de fronteira, são consideradas boas. Apontam-se como possíveis causas de atritos as incursões de bandoleiros peruanos nos seringais brasileiros do Javari, os fenômenos de sedimentação e colmatagem no arquipélago da embocadura do mesmo rio e a flagrante situação de inferioridade em que nos encontramos em todos os setores.

São frequentes as impertinências dos que têm pretendido perturbar a tranquilidade dos brasileiros à margem direita do Javari. A versão mais comum sobre esses incidentes é que se trata de agressões praticadas por bandoleiros peruanos, à frente de grupos de índios armados com armas de fogo. O objetivo seria o de provocar o despovoamento da área.

No que toca aos fenômenos de colmatagem, eles poderão modificar, e já estão modificando, o talveg do rio Javari, em sua foz. Exemplos marcantes dessas transformações são a acelerada obstrução que se processa, em ritmo acelerado, no Paraná do Bom Intento, que separa a ilha do Cleto da ilha do Bom Intento e no canal existente entre essas ilhas e o território peruano.

Quanto à nossa situação de inferioridade naquela fronteira cumpre-nos informar o seguinte :

Com o ponto de apoio na cidade de Letícia, os colombianos estão desenvolvendo intensas atividades. Letícia possui movimentado aeroporto, central elétrica fornecendo luz durante as 24 horas do dia, um serviço de comuni-



cações de primeira ordem, alojamentos confortáveis, hospitais eficientes. Tudo se tudo o que a civilização já possibilitou na faixa equatorial encontra-se ali. Letícia é uma cidade moderna, em crescimento.

Deve merecer a nossa atenção a permanente preocupação da Colômbia em valorizar a sua população naquela faixa de fronteira, não só do ponto de vista qualitativo como quantitativo. Por lá transitam, com frequência, equipes de técnicos especializados em todos os setores, muito especialmente em geologia, agronomia e veterinária.

Nas margens da estrada que vai de Letícia a Tarapacá, observamos extensas plantações de pimenta do reino e inúmeras fazendas de gado, em instalação, e no vale do Rio Madalena, os colombianos acabam de concluir um projeto de plantio de 5.000 hectares de dendê.

Segundo o trabalho realizado pela FAO, sobre o mercado internacional de óleo de dendê, publicado no número de janeiro do ano em curso, pela revista *Oleagineux*, a previsão do plantio dessa oleaginosa pela Colômbia, em sua área amazônica é de 24.000 hectares até 1970 e 60.000 até 1980.

Quanto ao Peru, a sua principal base de operações na área amazônica é Iquitos, para onde convergem muitos dos produtos brasileiros para lá canalizados pelas casas comerciais situadas na linha da fronteira. Merece especial destaque o desenvolvimento da indústria madeireira peruana na área, iniciada com uma serraria de grande capacidade no rio Javari, e com outra pequena, na ilha Islândia (Fotos nos. 16, 17 e 18). Colhemos informações de que a quase totalidade da madeira brasileira produzida no rio Javari e seus afluentes é transacionada com essas serrarias.

Não há a menor dúvida de que a ocupação da área amazônica desses dois países vai se processando com relativa presteza, com o emprêgo de novas técnicas e amplos recursos.

Essa dinamização de atividades dos nossos vizinhos vem provocando o esvaziamento da nossa já escassa população ali existente, atraída como está pela ampla oferta de trabalho e padrão de vida aceitável.

A verdade é que nossa faixa de fronteira com o Peru, ao longo do rio Javari, e com a Colômbia, na extensão por que se prolonga a linha geodésica Apaporis-Tabatinga, cada dia se despoeva mais; no primeiro caso, principalmente, pela ação dos bandoleiros que afugentam os seringueiros, e no segundo, pela atração exercida por Letícia e áreas colombianas circunvizinhas.

Segundo informações que nos foram prestadas pelo Dr. Ozéas Martins, consul do Brasil em Letícia, os brasileiros ali residentes representam mais de 50% da população da cidade.

É evidente, portanto, que os brasileiros além de enriquecerem Letícia, como já se fez vêr no item 4.1, estão construindo a cidade.

O esvaziamento continua e se não houver providência urgente que possa contrabalançar a atividade dos nossos vizinhos, tenderá a aumentar. Fala-se que a atração exercida por Letícia já se estende até a cidade de Tefé.

7: - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE TABATINGA

7.1 - O povoamento

Quem sobrevôa Tabatinga e Letícia e tem a oportunidade, como aconteceu com a equipe, de percorrer êsses dois centros populacionais e as áreas adjacentes constata uma enorme diferença entre ambos.

Ao aproximar-se a aeronave de Letícia tem o viajante a impressão de que vai desembarcar em uma próspera cidade modelo, como se tivesse surgido do seio da mata, pronta e bem acabada. Por todos os lados vêem-se as instalações típicas que dão vida e exprimem o valor de uma cidade bem planejada e próspera (Fotos nos. 19 e 20).

O mesmo não acontece do lado brasileiro, onde os núcleos populacionais são bem o retrato de um povoamento realizado sem nenhuma orientação.

Um levantamento sucinto da população existente em Tabatinga e suas adjacências leva a identificar os seguintes agrupamentos principais, todos êles distantes uns dos outros :

- 1) - Vila Militar
- 2) - Agrupamento do Aeroporto
- 3) - Agrupamento do Sapotal
- 4) - Núcleos do Marco

Com exceção da Vila Militar, em todos os outros núcleos de população o povoamento realiza-se sem qualquer estudo ou planejamento prévio.

É a população a instalar as suas residências, sob condições de toda sorte adversas, sem a presença disciplinadora da autoridade, em agrupamentos desordenados, fruto de uma fixação espontânea e incompatível com processo racional de urbanização (Fotos nos. 21, 22 e 23).

Se tôdas as casas existentes na Vila Militar, no bairro do Aeroporto, no Sapotal e no Marco, além das que estão esparsas, tivessem sido edificadas obedecendo a um planejamento prévio e global, hoje teríamos em Tabatinga, uma pequena cidade oferecendo as desejáveis condições de vida que Letícia proporciona aos seus habitantes.

## 7.2. - A Vila Militar

O quartel velho de Tabatinga, sob a ameaça dos constantes desbarancamentos provocados pelo Solimões foi desocupado pela tropa e transformado em depósito de materiais.

Tôdas as atividades militares se processam atualmente no Quartel Novo, construído a cêrca de 1 Km da margem e em torno dêle estão sendo edificadas as residências dos militares (Fotos nos. 24 e 25).

Os componentes da equipe tiveram uma ótima impressão do Quartel Novo, das novas residências, bem como da tropa e do seu Comandante. No momento da visita a 7ª Cia de Fronteira estava sob o comando do Cap. Leony, à quem queremos consignar neste relatório, os nossos agradecimentos pelo apoio prestado à equipe, e um voto de louvor pelo seu grande entusiasmo em prol das Colônias Militares de Fronteira.

## 7.3. - Possibilidades de Instalação da Colônia Militar

Como já foi salientado no item 1 deste relatório, o estudo final e o planejamento para a instalação da Colônia Militar de Tabatinga só poderão ser elaborados depois da segunda viagem de estudos, a realizar-se no período de enchentes máximas do Solimões.

Entretanto, podemos adiantar, desde logo, os aspectos que nos pareceram mais positivos para a instalação da referida Colônia :

- 1ª) - Condições ecológicas muito favoráveis para o desenvolvimento do programa agrícola de aboricultura florestal na terra firme e culturas de subsistência na várzea.
- 2ª) - Condições favoráveis para o desenvolvimento do programa pecuário, principalmente à base de criação de búfalos nas áreas inundáveis.
- 3ª) - Facilidade de acesso à região, por embarcações de grande calado.
- 4ª) - Disponibilidade de mão-de-obra, representada pelo próprio contingente militar, pela população civil ali residente e pelos brasileiros que se encontram na Colômbia e que certamente retornarão à Pátria logo com as primeiras ofertas de trabalho.

- 5a) - O grande interesse do Comando Militar da Amazônia pela instalação da Colônia Militar e o entusiasmo com que a notícia foi recebida em toda aquela faixa de fronteira.

A existência em Tabatinga de extensas faixas de aluvião de elevada fertilidade e a presença de unidades de solo de características bem razoáveis na terra firme são dois aspectos que devem ser salientados desde logo.

Nos inúmeros reconhecimentos feitos nas áreas inundáveis pelo Solimões, foram encontradas extensas áreas de várzea, onde o próprio comportamento das culturas, a despeito de serem primitivas as práticas adotadas, era de tal modo exuberante, que já podia indicar o elevado grau de fertilidade, mais tarde comprovado pelas análises.

Por outro lado, na faixa de terra firme situada entre Tabatinga e o Rio Tacana, ao longo da linha geodésica para o Apaporis, as unidades de solo predominantes apresentam topografia plana, constituindo-se tal fato um verdadeiro contraste, para melhor, com o que ocorre na Colônia Militar de Oiapoque, na faixa de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, onde os solos são na maior parte lateríticos e de relêvo acidentado.

8. -

#### CONCLUSÕES PARCIAIS

- 1a) - Os altiplanos da Colômbia e do Peru, onde se encontra a maior parte das suas populações, estão próximos a atingir o limite de saturação demográfica, em decorrência, principalmente, das limitações impostas àquelas áreas pelo relêvo acidentado das mesmas.
- 2a) - Os governantes daqueles países já começam a empreender, sem nenhuma dúvida, a marcha para Leste, em busca da ocupação das áreas amazônicas situadas dentro dos seus limites, do que poderão resultar pressões sobre as nossas fronteiras, de consequências imprevisíveis, se elas continuarem no estado de abandono em que se encontram.
- 3a) - A vitalização daquela faixa de fronteira constitui um desafio à nossa geração, que não pode ser adiado, mas em vez de a Nação povoá-la está assistindo ao seu esvaziamento econômico e demográfico.
- 4a) - O povoamento na faixa de fronteira deve ser um processo político dirigido.

- 5ª) - A realização de estudos e pesquisas capazes de conduzir a um planejamento no sentido de assegurar o emprego de métodos racionais de ocupação da terra, deve antecipar-se a qualquer outra iniciativa da instalação das Colônias Militares.
- 6ª) - O Planejamento deve assegurar um processo de desenvolvimento econômico capaz de possibilitar, aos nossos patrícios, condições de fixação e bem-estar social, nunca inferiores às que possam existir de outro lado da linha divisória.
- 7ª) - Tem sido praticamente nula a participação do poder central do País para assegurar o desenvolvimento econômico daquela faixa de fronteira, devendo ser salientada, com justiça, a contribuição do Exército na defesa de nossa soberania, com a manutenção da 7ª Cia de Fronteira, sediada em Tabatinga e dos Pelotões de Palmeiras, Estirão do Equador, Içá e Japurá.
- 8ª) - Tabatinga tem excelentes condições para se transformar no centro de irradiação de um amplo programa de desenvolvimento da região.

Belém, 14 de março de 1967

---

RUBENS RODRIGUES DE LIMA

Prof. Catedrático da EAA e Assessor Técnico do CMA para Assuntos de Colonização da Faixa de Fronteira.

---

EURICO PINHEIRO

Prof. Catedrático da EAA e Chefe da Seção de Plantas Estimulantes e Lactíferas do IPEAN

---

ITALO CLAUDIO FALESI

Prof. da EAA e Chefe da Seção de Solos do IPEAN

---

DENNY EIRAS BAPTISTA  
Major do Exército  
Chefe do SPC do CMA

Foto nº 1 - Relevo ondulado do solo da "terra firme",  
em Atalaia do Norte



Foto nº 2 - Perfil podzólico vermelho amarelo,  
à margem da estrada para a Colônia  
Agrícola, em Benjamin Constant.

Foto nº 3 - Perfil natural de um trecho de várzea na ilha Aramassa

Foto nº 4 - Pesquisas na várzea da margem direita do Rio Javari. No primeiro plano, a lancha cedida pela CEM.

Foto nº 5 - Pescaria dos índios Ticunas, com  
arco e flecha e zagaia.

Foto nº 6 - Casas comerciais peruanas sôbre flutuantes,  
na ilha Islândia, Ao fundo, os depósitos de  
combustíveis.



Foto nº 7 - Hidro-avião utilizado pela equipe nos sobrevôos. Pertence a um missionário protestante, norte-americano, sediado em Benjamin Constant.

Foto nº 8 - Clareira aberta em plena floresta para o plantio de um rogado na "terra firme".

Foto nº 9 - Plantações de milho, mandioca e outras culturas de subsistência, nas várzeas da ilha Arenassa.

Foto nº 10 - Milharal plantado na várzea da localidade Cristo Rei, na ilha Arenassa.

Foto nº 11 - Macacheira Ucaialina, aos quatro  
mêses de idade. No primeiro pla-  
no, o Capitão Leony.

Foto nº 12 - Macacheira Varuda, aos quatro  
mêses de idade vendo-se no pri-  
meiro plano, o soldado Herondi-  
no.

Foto nº 13 - Cidade de Benjamin Constant.

Foto nº 14 - Tabatinga

Foto nº 15 - Atalaia do Norte.

Fotos nos. 16,17 e 18 - Indústria madeireira peruana.  
As duas primeiras fotografias são da serraria da margem do Javari e a última da que está localizada na ilha Islândia.

Foto nº 19 - Vista aérea da cidade de Letícia

Foto nº 20 - Letícia - Detalhe do centro da cidade.

Fotos nos. 21, 22 e 23 - Vistas aéreas do povoado  
brasileiro do Marco.

Foto nº 24 - Tabatinga. Vista aérea do Quartel Novo



Foto nº 25 - Tabatinga - Casa residencial do comandante  
da 3ª Companhia de Fronteira.